Ela é Maria,

Mariah!

William C. Simas

Índice

1. **No campo santo 7**
2. **Becos do Rio 10**
3. **Na Encruzilhada do beco 12**
4. **Festa no Barracão 16**
5. **O que você quer de mim? 20**
6. **Promessa é dívida 25**
7. **Uma revelação 27**
8. **Entre dois mundos 32**
9. **Encontro na Cinelândia 37**
10. **Decisão 42**
11. **Dinheiro não compra amor e felicidade 45**
12. **A importância de não se perder oportunidades 50**

TRANSE DA MEIA-NOITE

1 - NO CAMPO SANTO



Seu sorriso me fez tremer, mas seu olhar me prendia

Acabei de colocar as flores em cima do mármore, e havia acabado de fazer a minha prece. O barulho do vento, espalhando as folhas pelo chão, era a única coisa que eu podia ouvir na imensidão do silêncio do cemitério.
Eu coloquei a minha mão no bolso, e tirei um cigarro, e acendi com meu isqueiro.
Ouvi passos atrás de mim, que parecia pisar as folhas secas. Me arrepiei.
Me virei, e ela apareceu!
O que você está fazendo aqui? Ela me perguntou.
Eu engoli seco, pensei de onde ela saiu, e como surgiu do nada.
Fala, moço! Perdeu a língua?
Só vim visitar um parente. - Respondi!
Ela deu uma gargalhada, e disse: Eu sei! Eu, já sabia, moço! Eu, só vim aqui te pedir um cigarro.

Eu entreguei o cigarro para ela, ainda tentando entender o que estava acontecendo. Suas mãos eram frias, como se tivessem acabado de sair de um banho gelado. Ela sorriu de um jeito enigmático, um sorriso que parecia conter segredos antigos.

— Você vem sempre aqui? — ela perguntou, acendendo o cigarro com o meu isqueiro, sem tirar os olhos de mim.

Eu balancei a cabeça, tentando encontrar minha voz.

— Não... Não muito. Só em dias especiais — respondi, sentindo o peso das palavras no ar.

Ela soltou a primeira tragada, o fumo formando uma névoa que se misturava com o frio do fim da tarde.

— Hoje é um dia especial para você? — Ela perguntou, sem desviar o olhar.

— É... — hesitei. — Era aniversário dela.

— Ah, entendo... — Ela disse, soltando a fumaça devagar, como se estivesse ponderando algo importante. — A saudade é uma coisa engraçada, não é? Parece que ela se apega à alma, nunca vai embora de verdade.

Eu não sabia o que dizer. Havia algo nela que me deixava inquieto, algo que não combinava com a normalidade daquela situação. Seu vestido escuro ondulava com o vento, e seus olhos, profundos e brilhantes, pareciam captar mais do que deveriam.

— E você? — perguntei, tentando aliviar a tensão que se instalara entre nós. — O que faz aqui, sozinha?

Ela riu novamente, dessa vez mais suave, quase melancólica.

— Ah, moço... Eu venho aqui para lembrar. Para não esquecer quem eu sou. Ou quem eu fui...

Aquelas palavras ecoaram dentro de mim como um sino distante, e de repente, tudo pareceu mais frio, mais denso. Eu senti um arrepio subir pela minha espinha.

— Você... — comecei, mas a pergunta morreu na minha garganta. Algo me dizia que eu não queria, ou talvez não deveria, saber a resposta.

Ela deu a última tragada no cigarro, apagou-o no chão com um gesto tranquilo, e me olhou com uma expressão que eu não conseguia decifrar.

— Bom, acho que já está na minha hora — ela disse, começando a se afastar.

— Espere! — eu disse, quase sem pensar. — Qual é o seu nome?

Ela parou, olhando para mim por cima do ombro, e respondeu com um sorriso enigmático:

— Talvez um dia você descubra... Se tiver sorte.

2 - BECOS DO RIO

E então, como se o vento a tivesse levado, ela desapareceu na penumbra do cemitério, deixando-me ali, sozinho, com a estranha sensação de que algo mais profundo e misterioso acabara de acontecer.

O vento continuava a soprar, levando as folhas para longe, mas agora o silêncio parecia diferente. Mais pesado, mais cheio de significados que eu ainda não podia compreender.

Acendi outro cigarro, mas o gosto amargo que ficou na boca não vinha do tabaco. Vinha da certeza de que aquela noite, e aquele encontro, me seguiriam por muito tempo.

Aquele dia ficou para trás, e eu continuei seguindo minha vida normalmente. Algumas vezes, à noite, antes de dormir, a imagem daquela mulher e seu sorriso vinham à minha mente.

Eu não sabia se era ela que estava me tirando o sono ou se eram as dívidas que se acumulavam em meu nome.

Fazia dois anos que eu havia ficado viúvo, e desde então, tudo havia piorado.

Na sexta-feira, saí da repartição e parei na Cinelândia. Resolvi ficar na rua até mais tarde, enquanto apreciava as modas e tomava uma cerveja.

As horas passaram rapidamente, e quando me dei conta, já era quase uma hora da madrugada de sábado.

Paguei o garçom e decidi fazer uma longa caminhada até meu pequeno apartamento na Praça da República.

De repente, o vento de chuva começou a soprar, e os papéis eram arrastados pela rua no centro do Rio.

Eu gosto de andar, e mesmo precisando caminhar cerca de 25 minutos, não me importava de andar pelas ruas do centro à noite.

Eu até achava interessante.

Porém, ao me aproximar de um beco, senti o cheiro de cigarro e vi alguém encostado no poste, escondido na escuridão.